Ano XXI — Lisboa, Março de 1965 — N.º 239

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

Um Notável Documento Histórico Escotista

THE BOY SCOUTS ASSOCIATION,
IMPERIAL HEADQUARTERS,
25, BUCKINGHAM PALACE ROAD,
LONDON, S.W.1.

22nd August, 1919.

Dear Sir,

I am most deeply grateful for the high honour which the Government of the Portuguesse Republic has accorded to me in awarding me the "Order of the Comendador da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo".

I feel that I am entirely unworthy of such consideration so far as any action on my part goes and I realise that it is entirely due to the good offices of the Authorities of the Boy Scouts Association that I have been singled out for this distinction.

I need scarcely say how grateful I am to them for this touching proof of their goodwill. If there is anything I can do to prove myself deserving of it in the Scouting way I hope you will command me.

I sincerely trust that I may have the opportunity before long of meeting some of my Portuguesse confreres.

In the meantime with cordial good wishes for the success of Scoutcraft in Portugal and with renewed thanks,

Believe me,

Yours truly,

Robert Baden-Powell

Mr. E. Moreira
Associação Dos Escoteiros de Portugal,
Rua Da Emenda, 53,
Lisbon,
PORTUGAL.

Uma relíquia para o Movimento Escotista de Portugal: a carta, dirigida por Baden-Powell ao Rev. Eduardo Moreira, onde o fundador do Escotismo exprime a sua gratidão por ter sido agraciado com a Ordem Militar de Cristo.

Diz o Escoteiro-Chefe Mundial:

«22 de Agosto de 1919

«Ex.mo Senhor:

«Estou profundamente grato pela honra com que o Governo da República Portuguesa se dignou distinguir-me, ao conceder-me a Comenda da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo.

«Sinto-me indigno, por completo, de semelhante honra no que diz respeito a qualquer acto da minha parte, mas calculo que o ter sido alvo desta distinção se deve ùnicamente aos bons ofícios dos dirigentes da Associação dos Escoteiros.

«Dificilmente poderei exprimir como estou grato por esta sensibilizante prova da sua boa vontade. Se algo houver, em assuntos de Escotismo, que me permita provar que mereci tal honra, espero que mo digam.

«Fico esperançado em ter a oportunidade, não muito distante, de me encontrar com alguns dos meus irmãos Portugueses.

«Entretanto, com votos cordiais de bom êxito para o Movimento Escotista em Portugal e com renovados agradecimentos,

«Creia-me, sinceramente

a) Robert Baden-Powell»

BADEN-POWELL
e a Ordem Militar de Cristo

Foi em 1919. O Governo Português resolveu atribuir a Comenda da Ordem Militar de Cristo ao Fundador do Escotismo, por reconhecer os relevantes serviços por ele prestados à Humanidade

O general Baden-Powell sentiu-se imensamente lisongeado com a distinção que lhe foi concedida pelos Portugueses, o que era de surpreender, porque se tratava de uma personalidade constantemente distinguida com homenagens dessa natureza por países de todos os continentes.

Numa carta, dirigida nessa ocasião ao nosso estimado amigo sr. Rev. Eduardo Moreira, ao tempo secretário da Associação dos Escoteiros de Portugal, B.-P. manifesta a sua gratidão pela honraria que acabava de lhe ser concedida, carta essa que é uma verdadeira relíquia escotista para nós, escoteiros portugueses, e cujo fac-símile publicamos nesta página, por amável deferência daquele nosso prezado colaborador.

Qual a razão por que B.-P. se mostrava tão orgulhoso pela consideração recebida? A resposta a esta interrogação pode ser encontrada, num dos livros que o fundador do Escotismo dedicou à mocidade de todo o mundo, no trecho que a seguir transcrevemos:

Há algum tempo, na presença de um grande número de escoteiros, recebi a Ordem de Cristo das mãos do Embaixador de Portugal, em recompensa daquilo que fazem os Escoteiros neste país.

Agradecendo ao Embaixador, disse que me era feita uma honra particularmente grande, porque era uma Ordem conferida, em Portugal, aos antigos Escoteiros marítimos.

O infante D. Henrique, denominado O Navegador *pelas suas viagens aventurosas e pelas suas engenhosas invenções para ajudar os marinheiros a encontrar a sua rota, era ele próprio Grão-Mestre da Ordem de Cristo e foi graças a ele que Portugal produziu uma série tão maravilhosa de aventureiros e de colonizadores.*

Provàvelmente, uma ou duas pessoas acharam que eu fazia demasiado caso de Portugal e disseram-me:

— E os nossos lobos do mar britânicos, os Hawkins, os Drake, os Raleigh, os Gilbert?

Tive de responder em minha defesa:

— Lede a História e vereis que o Cabo da Boa Esperança foi descoberto por Dias em 1487; a Índia, por Vasco da Gama em 1498: o Brasil, por Cabral em 1500; e a América do Sul, no ano seguinte por Américo Vespúcio; enquanto Magalhães descobria, ao sul da América, o estreito de seu nome, tão terrìvelmente perigoso, em 1519. Todos portugueses ou espanhóis.

E' verdade que Hawkins esteve à vista do Brasil, Martin Frobisher explorou a Passagem do Nordeste em três viagens diferentes; Sir *Walter Raleigh explorou as Índias Ocidentais e o Orenoco, no norte do Brasil; William Adams alcançou, em primeiro lugar, o Japão e ligou-se de amizade com os japoneses, em 1600;* Sir *Humphrey Gilbert fundou a colónia da Terra Nova; e John Hawkins abriu a África Ocidental ao*



Segue na página 5

Antigos Escoteiros DE SINTRA

A Fraternal já tem uma Delegação nos Açores

A primeira reunião da Direcção da Fraternal, recentemente empossada, deu-nos o grato prazer de anunciar o aparecimento da Delegação dos Açores.

Para delegado, foi aprovada a nomeação do Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 52 e nosso delegado sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que foi o principal obreiro da criação daquela Delegação. Do seu esforço, dedicação e grande prestígio como dirigente escotista muito se poderá esperar em prol da confraternização e companheirismo dos antigos escoteiros daquele arquipélago e será mais um dedicado servidor da Fraternal como o tem sido do seu grupo, da A. E. P. e do nosso jornal.



Foto: Fausto Sacadura

Render da Guarda da Fraternal: — Os antigos e os actuais dirigentes da Fraternal após o acto de posse. Da esquerda para a direita: sentados, os srs. Humberto Martins, Dr. Francisco Cortez Pinto, Dr. Eugénio Ramos, Xavier de Brito, Prof. Aníbal Ramos e Albano da Silva; De pé, os srs. Júlio de Almeida Nogueira, Luís António dos Santos, Amílcar Fernandes, Eugénio Ribeiro Nunes, Quintino Pinheiro, Wolfang Karl e Ernesto Nascimento

Os primeiros associados inscritos na Delegação dos Açores, e já aprovados na referida reunião da Direcção, são os seguintes companheiros: Virgílio Óscar Pires Toste, n.º 286; Norberto Barcelos Borba, n.º 287; Eduardo Ferreira Gomes da Silva, n.º 288; Deodato Furtado, n.º 289, e Rolando da Costa Domingos Correia, n.º 290. — G.

Sessão de propaganda escotista em Sintra

O Grupo n.º 93 de Sintra, realizou naquela Vila, no dia 14 de Fevereiro, uma sessão de propaganda escotista, especialmente dedicada aos jovens, no intuito de despertar neles uma maior simpatia pelo Escotismo.

No Ginásio do Sport União Sintrense, cedido para o efeito, foram projectados alguns filmes escotistas, por gentileza do S. N. I., Instituto Britânico e do antigo escoteiro Sr. Amílcar Fernandes, que deram à assistência uma visão clara do Escotismo e da sua missão educativa.

Estiveram presentes o Chefe Geral Adjunto, Eng.º Nobre Santos, alguns antigos escoteiros e suas famílias e dirigentes e escoteiros dos grupos 9, 12 e 94.

Antes da sessão de cinema, por iniciativa dos dirigentes Armando Inácio e Armando Morais, realizaram-se diversos jogos que tiveram o condão de entusiasmar toda a garotada presente que se entregou com alegria às sãs brincadeiras escotistas.

«Sempre Pronto», que esteve presente naquela actividade, verificou que não foram desiludidas as perspectivas dos organizadores, pois registamos a presença de mais de meia centena de garotos com idades entre os 7 e os 14 anos.

A massa de que se podem fazer os bons grupos, de onde se deve esperar o rejuvenescimento do Escotismo, ainda abunda. Assim surjam os homens de de boa vontade que a saibam moldar e aperfeiçoar.

Sintra pode voltar a ter um grupo de escoteiros que honre as tradições do 93, marco destacado na formação dos jovens daquela formosa Vila.

M. G.

SERVIÇOS CENTRAIS

Prosseguindo na sua tarefa de incrementar a actividade dos grupos, o Escoteiro-Chefe-Geral fez distribuir por todos eles a II Parte do Regulamento Geral (P. O. R.) referente a provas de classe para Escoteiros e Lobitos, recentemente editada.

De uma circular dirigida aos Chefes de Grupo destacamos estas oportunas palavras do Escoteiro-Chefe-Geral reveladoras do seu interesse pelo revigoramento do Escotismo associativo:

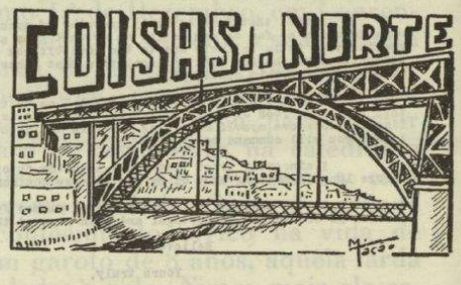
«Estamos empenhados na melhoria do nível técnico e formativo dos elementos que constituem a A. E. P.; contamos, por isso, com um bom e profícuo esforço dos Chefes, que são os principais executores do que se põe agora à sua disposição. A aplicação activa e consciente das provas será o meio indispensável para se verificar se elas darão o resultado que se espera, ou se, pelo contrário, haverá que modificar alguma coisa».

Ao mesmo tempo, o E. C. G. tem recomendado aos Dirigentes Regionais um maior interesse pelas actividades dos Grupos, auxiliando e estimulando o trabalho dos chefes.

A Chefia Geral também já fez publicar o relatório final do concurso inter-patrulhas disputado no passado ano, o qual foi designado por «Patrulhas Piloto-1964».

De acordo com as considerações finais do referido relatório, que foi redigido pelo E. C. G. A, Eng.º Nobre Santos, está a ser distribuído pelos Chefes de Grupo um questionário para se avaliar do proveito colhido pelas patrulhas com aquele concurso e, bem assim, indagar das condições em que se deverão realizar novas actividades daquela natureza.

M. G.



Actividades do Núcleo de Vila Nova de Gaia

Depois de um período em que os grupos da Região Norte dos Escoteiros de Portugal se mantiveram quase inactivos e isolados, despertam agora após a formação de dois Núcleos: o de Gaia e o do Porto. Não é que simpatize com núcleos, porque estes demonstram uma ideia contrária ao escotismo, que se deve praticar em união fraternal. Mas, ao menos, que se faça alguma coisa, mesmo com núcleos.

Assim, no passado dia 24 de Janeiro, o Núcleo de Gaia efectuou uma visita de estudo ao Observatório da Serra do Pilar, tendo de passagem visitado também o Mosteiro, uma actividade cheia de interesse, que a todos agradou.

No Mosteiro, pudemos apreciar as obras de arte e antiguidades que constituem o seu recheio. A sua construção, única no género em Portugal, foi executada no ano 1542 pelo Arquitecto João de Castilho.

No Observatório, apreciámos os seus variadíssimos instrumentos, graças à simpatia do sr. Jorge Pina, ajudante de meteorologista, que gentilmente acedeu a mostrar-nos e a indicar-nos os estudos que diàriamente ali se fazem.

No fim desta pequena mas instrutiva actividade, regressámos satisfeitos às nossas sedes.

Desta maneira, regista-se uma pequena reunião, que constituiu um princípio no ano activo a que se propõe o Núcleo de Gaia. — Fernando Rocha — Chefe de Divisão do Grupo 41.

O VII Congresso da Juventude Presbiteriana

De 27 de Fevereiro a 2 de Março passado, realizou-se em Lisboa o VII Congresso da Juventude Presbiteriana Portuguesa, que congregou jovens vindos de diversos pontos do país. Entre as teses apresentadas e discutidas, duas nos mereceram particular atenção. «A Associação Cristã da Mocidade e a Juventude» apresentada pelo sr. dr. Erasmo Figueira Chaves, que fez a história do início em Londres deste interessante movimento das associações da mocidade, que se ficou a dever à iniciativa de Jorge Williams, que há 140 anos criou naquela cidade a primeira colectividade.

Outra tese que debateu um tema muito oportuno foi apresentada pelo Rev. Irineu Cunha, da cidade do Porto, e versou «O Ideal Cristão e a Crise da Juventude». Este começou por analisar se de facto existiria uma crise da juventude, focou os diversos sintomas da crise da juventude, as oportunidades que esta oferece, mostrando, uma vez mais, o seu poder de observação e o perfeito conhecimento dos problemas da nossa época. Depois de definir o ideal cristão como solução para a crise actual, respondeu à pergunta se este conteria um apelo suficientemente forte para a juventude moderna.

Entre outros programas, todos cheios de interesse, o Congresso ouviu ainda um concerto do Coro Bach na Igreja Evangélica Alemã.

O Escotismo no Ultramar

BEM HAJAM OS QUE *DEFENDEM* A CAUSA ESCOTISTA!

Registamos, com muito agrado, a defesa clara e inteligente do deputado sr. Dr. Alexandre Marques Lobato sobre o problema do Escotismo no Ultramar.

Só um verdadeiro escoteiro como o sr. Dr. Marques Lobato pode produzir palavras em defesa da causa escotista como as que me foram dado ler no *Sempre Pronto* de Janeiro-Fevereiro de 1965.

Só formando escoteiros, em todo o nosso Ultramar, da têmpera desse Homem que bem se revela pela firmeza das suas expressões, poderemos afastar as «aves agoirentas» que de campos duvidosos pretendem fixar-se nas nossas províncias ultramarinas, para ali lançarem talvez luto e dor, em vez das benesses que pregam.

Unamo-nos, pois, de alma e coração para conseguir do Governo da Nação liberdade escotista em todas as províncias ultramarinas, e tanta que cada habitante das mesmas seja um escoteiro. Este, pela lei que regula os seus actos, ainda que imperfeitos (a perfeição não é deste mundo) terá sempre presente o auxílio mútuo, e assim o branco abraçará o negro e vice-versa, conforme os princípios da doutrina de Cristo. A traição não terá lugar entre os que prometem cumprir a lei do escoteiro, que ouso advogar seja publicada em todos os números do *Sempre Pronto*, para avivar o fervor nos que praticam o escotismo, e fazem luz nos que ainda o não praticam.

O Escotismo pode salvar Portugal, o mundo até, desde que seja compreendido por governantes e governados.

O escoteiro, obrigando-se a cumprir os seus deveres para com a sua Pátria, nunca poderá abusar das regalias que venha a usufruir em qualquer campo de actividade que lhe garanta o pão de cada dia para prejudicar a acção dos nossos dirigentes. Será pois sempre útil, finalidade que devemos procurar atingir, e, assim, bem hajam os que defendem a causa escotista.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

N. da R. — Começam a chegar ao nosso conhecimento palavras de aplauso à significativa e brilhante intervenção do deputado sr. Dr. Alexandre Marques Lobato, na Assembleia Nacional, em que advogou o oferecimento, por parte do Governo, das condições indispensáveis para que o escotismo no Ultramar possa readquirir o desenvolvimento de que, em tempos passados, se pôde orgulhar.

O depoimento, que hoje publicamos, da autoria de um velho escoteiro algarvio, o nosso colaborador sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, aponta, com notável clarividência, os benefícios que a nossa juventude de além-mar poderia colher com a prática das virtudes e dos ensinamentos que o método powelliano inculca e oferece àqueles que um dia tiveram o privilégio de militar nas suas fileiras.

Porque o problema é de transcendente importância e de verdadeiro interesse nacional, confiamos em que ele tenha em breve a desejada resolução.

EXEMPLOS ESCOTEIROS

O poder de observação salvou uma vida

Iniciamos hoje, nas colunas do «Sempre-Pronto», esta secção, que visa citar exemplos dignos de registo, cujos imperativos estão consignados na mais bela das leis: a do Escoteiro.

Em 15 de Março de 1962, cerca das 17 horas, apeou-se de um táxi ao fundo da Avenida Duarte Pacheco, junto das bombas de gasolina, Maria de Fátima Cancela, de 22 anos, criada de servir, que dirigindo-se ao empregado Diogo Rebocho Guerreiro, pediu que escrevesse o seu nome num papel. Depois, guardou-o numa carteira e dirigiu-se para o viaduto. Isto levantou suspeitas ao empregado que, não podendo sair dali naquela altura, disse a um colega, que abandonava o serviço, o António Gonçalves dos Santos, antigo atleta do Sporting, que a seguisse, tendo este, ao chegar à ponte, avisado o guarda da Direcção dos Serviços de Pontes, Álvaro Ferreira dos Reis, de 57 anos da idade, que em tempos havia pertencido aos Voluntários da Ajuda.

Confirmaram-se as suspeitas. A rapariga, a certa altura, subiu ao parapeito, mas, quando se preparava para saltar, foi agarrada pelo guarda. Ambos caíram na estrada e a rapariga, desvairada, deu luta, conseguindo livrar-se e correr novamente para o muro. Todavia, desta vez foi dominada pelo empregado da bomba de gasolina, que a seguira e, depois, pelo guarda.

Uma patrulha dos Serviços Florestais, que passava na altura, conduziu a Maria de Fátima ao hospital, pois, além de escoriações, sofria de forte alteração de nervos.

Não era a primeira vez que o guarda Ferreira dos Reis impedia suicídios naquele viaduto, sendo forçado por isso a uma constante vigilância.

E o poder de observação do empregado da bomba de gasolina, talvez por alguma vez ter lido a lei do escoteiro, salvou uma vida.

Espírito de Sacrifício

Mateus da Costa, que foi Comandante dos Bombeiros Voluntários de Odivelas, foi heróico, destemido e valente soldado da paz

Era um elemento preponderante na classe, humilde e modesto, mas de altíssimo valor moral, que o impunha à estima e veneração de todos.

Dedicado, desde pouca idade, ao exército que tem por divisa «Vida por Vida», estava um dia na estrada de Odivelas, quando uma camioneta desarvorada surge numa curva e está prestes a esmagar uma criança de encontro a uma parede.

O Comandante Mateus da Costa vê num relance a gravidade do perigo e não hesita: corre, mete-se entre a camioneta e a parede e salva a criança levantando-a nos braços.

Mas, sacrificado, vai morrer ao hospital em consequência de ter ficado esmagado, reduzido a um montão de ossos triturados, para salvar aquela inocente criança de morte certa.

Nobre exemplo que jamais poderemos esquecer!

Naquela aflição, estava alegre e bem disposto

Em 14 de Novembro de 1889, à noitinha, deu-se uma violenta explosão de gás, no Bazar Suíço, no Chiado.

As chamas envolveram ràpidamente todo o edifício.

Entre interessantes peripécias, que então se deram, contaram-me, desta forma, a mais picaresca:

Ao fundo do estabelecimento havia uma retrete, que tinha janelas para o jardim. Estava ali um indivíduo que, ao dar-se a explosão, foi violentamente arrebatado do local em que se encontrava e arremessado, através da janela, para o tal jardim,

Calcule-se a aflição daquele

Segue na página 6

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

O BAIRRO ALTO,

SUA ORIGEM E FUNDAÇÃO



O Lisboeta, ou o forasteiro, na Lisboa do século XVI, que relanceasse o olhar extramuros para os vastos campos que, então, rodeavam as muralhas da cidade e erguesse a vista para as bandas do ocidente, veria, pouco mais ou menos no local onde fica o Miradouro de S. Pedro de Alcântara, um alto monte, de verdejante encosta, manchado de frondoso olivedo e, lá no cimo, recortando-se no azul do firmamento, a silhueta duma pequena ermida...

Era esta a Capela de S. Roque, a que nos referimos na nossa última crónica e fora mandada erguer por El-rei D. Manuel, o *Venturoso*, no começo do ano de 1506, para nela guardar, as relíquias de S. Roque, advogado da peste, relíquias com que a Senhoria de Veneza presenteara a cidade de Lisboa, então flagelada por mortífera peste, flagelo esse frequente na cidade, naqueles recuados tempos.

Também extramuros, mas do lado oriental, se guardava em S. Vicente de Fora uma outra relíquia, esta de S. Sebastião, igualmente advogado da peste.

A construção da Capela de S. Roque atraiu ao local, até então ermo, enorme concorrência de devotos e o sítio passou, deste modo, a tornar-se conhecido e frequentado.

O passo que a seguir transcrevemos, da monumental obra «*Lisboa Antiga*» do insigne mestre Júlio de Castilho, dá-nos bem a nítida ideia do ambiente da época. Assim o diz o consagrado olisipógrafo:

«*...Foi do maior entusiasmo na Lisboa Manuelina a construção da nova ermida de S. Roque. Parecia que, depois de erguido este sacelo piedoso, a cidade ficaria resguardada da invasão tão frequente das epidemias, e que deviam escudá-la aquelas duas casas, como duas atalaias místicas, duas fortalezas sobrenaturais. Acordou toda a população; foi uma faina nunca vista. Vinham em romaria as senhoras de Alfama trazer, elas próprias, por suas mãos, em bilhas enramadas de flores, a sua água para as obras buscada no chafariz da Ribeira; e a Nobreza tomou a si a protecção da ermida, inscrevendo no registo da confraria os primeiros nomes históricos de Portugal...*»

Porém, no reinado seguinte, D. João III, grande protector da Companhia de Jesus, entregou aos cuidados dos Jesuítas a capela de S. Roque, que dela tomaram posse em 1553.

Os reis, a corte e o povo afluíam à Capela de S. Roque; era cada vez mais notória a influência dos padres da Companhia, os quais, com o apoio do monarca, ampliaram, em 1555, a pequena capela, da qual resultou a Igreja de S. Roque, tendo-lhe construído anexo um hospício e, mais tarde, a sua casa professa.

Os ares eram sadios, lavados, no alto daquele monte fronteiro à Esperança, era rasgado o panorama, e da constante devoção ao novo templo, que, apesar de ampliado, era contudo pequeno para conter a multidão cada vez maior de fiéis, o local, por aprazível começou a atrair a atenção dos nobres e poderosos que ali vislumbram construir os seus solares arrebaldinos. Perto de S. Roque, mais para os lados dos Moinhos de Vento (que era o caminho que levava ao arrebalde de Campolide) erguia-se majestosamente, um solar, pertença de um riquíssimo fidalgo chamado Bartolomeu de Andrade, senhor de todas as vastas terras que se compreendiam nas herdades de Santa Catarina e da Boa Vista, a que nos referimos na crónica anterior.

Em breve começaram as vendas de terrenos, um após outro, surgem os primeiros solares de portas e cunhais brasonados, atestando a linhagem dos seus nobres possuidores. A estes, sucedem-se as gentes do mar e, assim e à sombra protectora dos padres da Companhia, florescem nos campos da Herdade de Santa Catarina o maior aglomerado citadino da Lisboa Quinhentista, que primeiro se chamou Vila Nova de Andrade, nome tomado do apelido do feliz possuidor daquelas terras, e, mais tarde, mudado em Bairro Alto de S. Roque para, finalmente, se chamar apenas Bairro Alto.

Teve, pois, origem devota e fidalga este bairro que viria, com o rodar dos anos, a transformar-se num dos mais populares e populosos bairros de Lisboa, o qual, ao contrário de outros bairros antigos da capital, de ruas lançadas ao acaso entre becos e escadinhas, apresenta ainda hoje o bem elaborado plano do seu geométrico e ordenado traçado primitivo das suas ruas, que reflecte, segundo Júlio de Castilho, o espírito metódico e disciplinado dos padres da Companhia, aos quais se atribui a sua autoria, traçado este que teria influenciado os arquitectos pombalinos da reconstrução da Baixa, formada, tal qual o Bairro Alto, de largas e compridas ruas paralelas, cortadas por numerosas transversais.

Bairro estuante de vida, arfando ao ritmo veloz das rotativas dos jornais, que trouxeram às suas ruas velhinhas essa nota viva de progresso que é a Imprensa, ali se abrigam as casas de quase todos os grandes órgãos de informação que se publicam em Lisboa.

Bairro palmilhado pelos grandes nomes das letras e do jornalismo, na sua principal artéria, a rua da Rosa, a única que atravessa todo o bairro, ligando, os seus extremos no sentido sul-norte, nasceu o notável romancista Camilo Castelo Branco, facto este que não queremos deixar de assinalar por, ainda hoje, subsistir em muitas pessoas a errada convicção de que o famoso vulto da nossa literatura era nortenho.

Bairro de gente simples e laboriosa, percorrer as suas ruas é evocar um passado distante, assinalado, aqui e ali, por um ou outro palácio antigo, que surge, como velho pergaminho, atestando os quatro séculos da sua aristocrática fundação.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO

N. R. — *Na crónica anterior, devido a uma «gralha», de que pedimos muita desculpa, saiu na décima linha* «em pleno século XIV» *quando, na realidade, devia ler-se* «em pleno século XVI.»

Um campo permanente para rapazes no Kilimandjaro

Os Escoteiros e as Guias das Associações Cristãs da Mocidade, na Suécia, levantaram uma colecta de 12000 coroas suecas para a construção de uma escola protótipo e um acampamento permanente para rapazes no Kilimandjaro, no Tanganica.

O XX aniversário de "Sempre Pronto"

Continuamos a receber felicitações pela passagem de mais um ano — o 20.º — de vida do nosso jornal.

Registamos, com desvanecimento, o nome dos seguintes amigos que, em palavras de muita simpatia, se nos dirigiram por este motivo:

Srs. Albano da Silva, Augusto Garcia Monteiro, Luís Grau Tovar de Lemos, Luís Simões Aurélio, Joaquim de Sousa Piscarreta e Eugénio Ribeiro Nunes.

Os nossos agradecimentos.

Também o «*Diário da Manhã*» dedica ao aniversário do nosso jornal uma expressiva local de que transcrevemos o seguinte período:

«... *Vinte anos de vida activa — em defesa de um ideal de educação e pureza da juventude — numa luta constante e nem sempre fácil, é facto que merece e deve ser assinalado, como exemplo de vontade de bem fazer, de perseverança, de desejo de ser útil. Todos sabemos quantas dificuldades é preciso vencer, as contrariedades que é necessário ultrapassar, os sacrifícios que representam vinte anos de luta em prol de uma causa toda dedicada ao amor do próximo — numa dedicação que se afirmou sem limites e, certamente, nem sempre foi fácil*».

Agradecemos, sensibilizados a audiência que o importante diário concedeu ao nosso jornal. No entanto, não queremos deixar de frisar que a flor-de-lis não desapareceu do cabeçalho de *Sempre Pronto*, antes continua ali como uma inspiração para atingir o objectivo a que nos propusemos.

Concurso de Jornais de Patrulha

Não houve qualquer concorrente a esta iniciativa de *Sempre Pronto*. Tal facto prova, com veemência que, em Portugal, as nossas patrulhas não se dedicam a este interessante trabalho, que serviria de excelente índice do valor da sua actividade escoteira.

O letargo que, infelizmente, continua a atacar grande parte dos nossos grupos é o grande causador da falta de correspondência a esta nossa iniciativa, doença essa que já tivemos ensejo de apontar no último número deste jornal.

MAIS UM ASSINANTE!

O nosso assinante patrocinador de Lagos, Sr. Joaquim de Sousa Piscarreta, teve a atenção de nos enviar UM ASSINANTE conforme apelo lançado no último número do «S. P.». Trata-se do sr. Eduardo Santana Paula, daquela cidade, a quem apresentamos as boas-vindas. Agradecemos.

MAIS UM ASSINANTE — o apelo a que o caro leitor vai dar resposta.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível publicar neste número diversos originais que temos em nosso poder, em especial um bem elaborado estudo, da autoria do nosso colaborador Mariano Garcia, acerca da II Parte do Regulamento Geral da A. E. P.

As nossas desculpas.

CONCURSO "VALORES HUMANOS"

Já se encontram em nosso poder algumas respostas a este concurso. Porém, em virtude do número duplo de Janeiro-Fevereiro de *Sempre Pronto* ter saído sòmente nos últimos dias do segundo daqueles meses, foi resolvido que não se publicasse neste mês a Figura n.º 2, recebendo-se, contudo, respostas à Figura n.º 1 enviadas até ao fim do próximo mês de Abril.

No próximo número será publicada, portanto, a nótula sobre a Figura n.º 2.

Está em organização a lista dos prémios deste concurso, que contamos publicar também no próximo número.

A excursão a Santarém

Foi constituída uma Comissão de Patrocínio

Acaba de ser formada uma Comissão de Patrocínio desta excursão, de que fazem parte os nossos estimados amigos srs. Eugénio Ribeiro Nunes, Ernesto Nascimento, Luís Simões Aurélio, Amílcar Fernandes e José Eduardo Pena Ribeiro.

Esta Comissão, que já se encontra em plena laboração, tem como funções rodear a excursão de todos os atractivos possíveis, prestar esclarecimentos e fornecer todas as informações necessárias.

ASSINANTES PATROCINADORES

Os nossos leitores respondem generosamente ao nosso apelo para a inscrição como patrocinadores. Tivemos o ensejo de receber as seguintes incrições:

O sr. Tenente Manuel de Matos, presidente da Direcção do Grupo n.º 93, de Sintra, e grande benemérito do mesmo concelho, enviou-nos a sua adesão com a quota anual de 100$00.

O ilustre Pintor Carlos Botelho, que foi escoteiro do Grupo n.º 3 de 1911 a 1918 e é nome prestigioso da arte em Portugal, inscreveu-se como patrocinador, tendo-nos enviado a quota de dois anos.

O sr. Mário Augusto, pai do nosso saudoso irmão-escoteiro Eurico de Jesus Augusto, que tombou na Guiné, também nos enviou a sua adesão.

Recebemos ainda a inscrição do nosso dedicado amigo e colaborador, correspondente do «S. P.» em Vila Real de Santo António, sr. José Manuel Pereira.

A estes dedicados amigos, apresentamos os nossos agradecimentos.

BADEN-POWELL e a Ordem Militar de Cristo

Seguimento da pág. 1

comércio, enquanto Sir *Francis Drake fez a volta ao mundo, seguindo Magalhães através dos estreitos que ele tinha descoberto.*

Mas há uma diferença de datas.

As descobertas dos Portugueses foram feitas no tempo dos avós e dos pais dos nossos marinheiros.

Se os nossos compatriotas fizeram face às dificuldades e aos perigos com pequenos barcos insuficientes, maus instrumentos e pobres provisões de boca, isto dá uma fiel ideia da coragem dos outros homens que estavam ainda mais mal colocados no que diz respeito a este assunto, quando se faziam à vela para o desconhecido.

Com toda a lealdade é preciso prestar homenagem a quem de direito. Espero que vos lembreis disto quando encontrardes nos Jamboris irmãos escoteiros doutros países.

Para o glorioso combatente de Mafeking e denodado batedor da selva africana, nenhuma outra homenagem poderia estimular mais o seu orgulho do que ser distinguido com a mesma condecoração com que outrora eram agraciados os nossos bravos e arrojados navegadores de Quinhentos, os autores da mais bela das Epopeias marítimas, os verdadeiros Escoteiros marítimos da Antiguidade.

Uma Boa Acção dos Escoteiros da Suécia

Escoteiros da Suécia promoveram durante o mês de Outubro uma campanha para auxílio de um trabalho de caridade de missionários luteranos em Calcutá a favor dos refugiados sem lar. Foi feita uma colecta de mealheiros entre os próprios escoteiros. Estes fizeram uma economia de 25 cêntimos por dia a favor da construção de um Lar Abrigo, tendo conseguido levantar 2500 coroas suecas em cada dois dias.

CALENDÁRIO

MARÇO

Dia 11 — 3.º aniversário da 9.ª Companhia das Guias de Portugal — (Rua das Janelas Verdes — ex-Convento dos Marianos).

15.º aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

ABRIL

Dia 4 — Aniversário do Grupo n.º 60, Vila Real de S.to António.

Dia 9 — 53.º aniversário do Grupo n.º 1 — Lisboa.

Dia 15 — 3.º aniversário da Companhia de Guias Rainha Santa Isabel — Porto.

Dia 23 — 13.º aniversário do Grupo n.º 10 — Lisboa.
Dia do Escoteiro.

FILATELIA

Como coleccionar selos

Coleccionar selos é actividade interessante e instrutiva, mas requer alguns conhecimentos para que possa resultar eficiente. O selo postal é um objecto extremamente delicado e por isso é necessário manejá-lo com todo o cuidado para que se conserve intacto e sem defeitos.

Com referência ao selo usado, o primeiro cuidado a ter é no acto de o separar do sobrescrito onde se encontra colado. O filatelista não deve tentar arrancá-lo mas antes recortar o local onde se encontra colado, fazendo-o de forma a que não atinja a sua serrilha que se deve conservar intacta. A *serrilha* é constituída pelo denteado que serve para separar os selos uns dos outros. Feito este trabalho, para descolar os selos devem ser estes metidos numa tina com água. Como esta operação poderia prejudicar as tintas de algumas estampilhas, deve-se deitar nesta água um pouco de sal das cozinhas. Este sal actua como fixador impedindo-os de perder a cor. Para que o selo fique descolado bastará uma imersão de uns 15 minutos.

Após isto, com a ajuda de uma pinça, desloca-se o selo, que é então colocado entre duas folhas de papel mata-borrão branco para que a secagem seja mais rápida. Durante esta operação, deve-se submeter o selo a uma prensagem, para o que pode ser utilizado um livro ou qualquer outro objecto pesado.

A colagem dos selos nos álbuns é também uma operação que requer conhecimento. O selo não deve ser colado directamente no álbum porque evidentemente ficaria inutilizado quando se pretendesse retirá-lo dali e a própria cola o poderia prejudicar. Emprega-se para isso uns pequenos rectângulos de papel gomado, chamados *charneiras*. As charneiras são imprescindíveis e o seu preço é bastante barato, vendendo-se em pacotes com dezenas ou centenas.

Para colar o selo procede-se assim: Segura-se na charneira, que geralmente se encontra já dobrada, humedece-se a extremidade mais pequena e fixa-se no reverso da estampilha um pouco puxada à parte superior. Humedece-se depois a outra extremidade da charneira e fixa-se no álbum de molde a ocupar o centro da casa respectiva. Todo este trabalho deve ser feito com a ajuda de uma pinça.

Quando se guardam selos novos há uma outra precaução a tomar: Devem ser polvilhados com talco e colocados em lugar seco.

Noutra ocasião falaremos de defeitos dos selos, de maneira que os nossos leitores jovens, especialmente os escoteiros, se preparem para alinhar como filatelistas conhecedores da sua especialidade.

Rui Macedo
Lobo Cinzento

BOLSA FILATÉLICA

A fim de despertar o interesse dos nossos leitores pela filatelia, o «S. P.» vai promover uma iniciativa tendente a facilitar a angariação de selos postais, contando para isso com a colaboração da Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal e de alguns filatelistas escoteiros.

Criaremos assim a Bolsa Filatélica, por intermédio da qual os nossos leitores poderão proceder à troca dos seus selos usados repetidos por outros também usados de que careçam nas suas colecções.

As trocas serão feitas pelo valor de um catálogo de selos. Em cada mês dedicaremos a Bolsa aos selos de uma Província portuguesa, do Continente, ou de um país estrangeiro.

Começaremos por Moçambique. Dispomos para já de um lote de selos desta província para atender pedidos dos nossos leitores. Estes enviar-nos-ão selos repetidos de Moçambique e indicar-nos-ão aqueles de que precisam. A troca será feita na base do valor do catálogo. Se não pudermos atender qualquer pedido, os selos enviados serão devolvidos:

Todos os pedidos deverão ser acompanhados de um selo postal de 1$00, para a resposta, devendo ser remetidos à Bolsa Filatélica, Redacção do «Sempre Pronto». T. Vitorino de Freitas, 9 — Lisboa 3, até 15 de Abril p. f.

IV Festival Cinematográfico Escotista

Nos últimos dias do passado mês de Fevereiro, realizou-se o IV Festival Escotista de Cinema, promovido pelo Escotismo Italiano, em Veneza.

Para facilitar a presença de escoteiros estrangeiros neste certame, foi criado um Serviço de Assistência Turística, por intermédio do qual os escoteiros estrangeiros podiam obter informações diversas sobre o turismo e ainda os bilhetes para a sessão de gala do referido Festival.

Este Serviço de Assistência Turística continua em funcionamento, com o objectivo de oferecer os seus préstimos a todos os escoteiros visitantes da bela cidade italiana.

Para utilização deste serviço, os escoteiros que se desloquem a Veneza devem dirigir-se por escrito para o seguinte endereço: *Rag. Pietro Bastasi—C. Clan Ve. 5 — Convento Servili — S. Elena— Veneza (Itália)*, com a antecedência de um mês sobre a data da chegada.

A fotografia que publicamos mostra um aspecto da fachada do edifício onde se realizou este Festival, com as bandeiras dos países que estiveram representados.



Chefe do Núcleo do Algarve

Os Serviços Centrais nomearam o antigo dirigente escoteiro sr. José Manuel Pereira, Chefe do Núcleo do Algarve dos Escoteiros de Portugal.

O Chefe Manuel Pereira, que há muitos anos chefia o grupo n.º 60, é um dirigente com larga folha de serviços, gozando de muita simpatia e prestígio na sua região. Estamos certos de que o escotismo algarvio irá receber um novo impulso da acção do seu actual chefe.

Ao nosso dedicado amigo e companheiro, sr. José Manuel Pereira, apresentamos as nossas felicitações.

EXEMPLOS ESCOTEIROS

Seguimento da página 3

homem que, nada sofrendo além do susto, fugiu ràpidamente, mas rindo-se da figura que estava fazendo.

Até o próximo mês!

Eugénio Ribeiro Nunes



ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

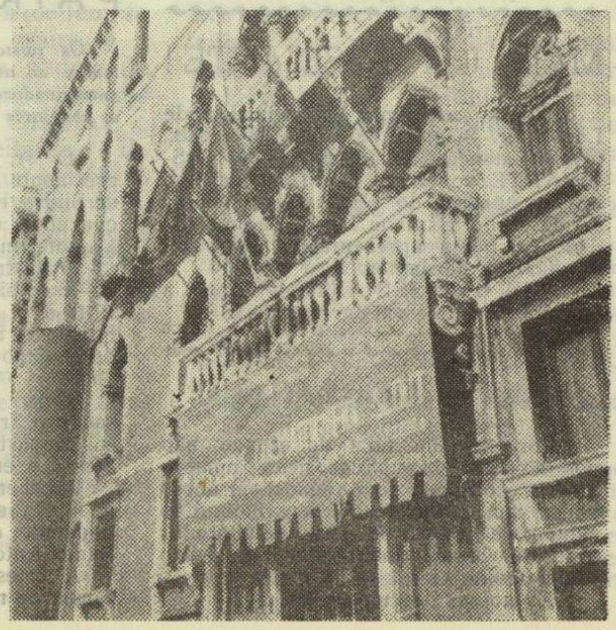
«Rover Moot» da Europa

Conforme oportunamente anunciámos, foi resolvido substituir os «Rover Moots», acampamentos mundiais de Caminheiros, por «Rover Moots» regionais, dada a pouca frequência que, com carácter mundial, estas actividades estavam registando. Assim, em 1965 vai realizar-se na Suécia, de 13 a 20 de Agosto, o «Rover Moot» da Europa, organizado para uma frequência de um um máximo de 1 200 caminheiros.

Conferência Escoteira «Deveres para com Deus» (Duty to God)

De 26 de Junho a 4 de Julho passado realizou-se em Sigtuna, na Suécia, esta Conferência, que se efectuou em conjunto com a Conferência «Promessa e Lei». Estiveram presentes cerca de 100 delegados de 17 países. Pela primeira vez, membros das Fraternais de Antigos Escoteiros participaram nesta reunião. Um observador da Igreja Católica não pôde chegar a tempo a Sigtuna. A Conferência «Promessa e Lei» teve um assistente católico-romano membro do Ministério da Educação da Nigéria.

O principal assunto discutido naquela reunião foi o lugar da Bíblia no Escotismo, tendo sido efectuados interessantes estudos bíblicos. Os participantes eram membros de diferentes Igrejas e as suas tradições e doutrinas reflectiram-se claramente nas discussões havidas.



Conhece Portugal?

Dê mostras dos seus conhecimentos acerca de Portugal, indicando a resposta certa a cada um dos seguintes quesitos:

1) A cidade de Pinhel fica situada:

a. No distrito de Castelo Branco;
b. No distrito da Guarda;
c. No distrito de Viseu.

2) A altitude máxima da serra de Ossa é de:

a. 518 metros;
b. 416 metros;
c. 649 metros.

3) O rio Mira desagua próximo de:

a. Palheiros de Mira;
b. Odemira;
c. Vila Nova de Milfontes.

4) A cidade de Lamego pertence à província de:

a. Douro Litoral;
b. Trás-os-Montes e Alto Douro;
c. Beira Alta.

5) Egitânia é o nome antigo de:

a. Idanha-a-Nova;
b. Guarda:
c. Idanha-a-Velha.

6) Pedro Nunes nasceu em:

a. Montemor-o-Novo;
b. Alcácer do Sal;
c. Grândola.

7) O Cabo Sardão fica situado na costa:

a. Algarvia;
b. Da Estremadura;
c. Do Baixo Alentejo.

Se acertar em, pelo menos, 6 respostas, tem bons conhecimentos sobre Portugal.

Ver respostas num dos próximos números.

Problema para Lobitos

Quem encontra a solução?

A Chefe da Alcateia — a Aquèlá — convocou os Lobitos para um passeio ao campo. Mas alguns, uma sexta parte, tinham ido passar as férias para a praia; onze tinham saído com os pais; e sete estavam doentes. Foram ao passeio trinta e sete lobitos.

Quantos tinham sidos convocados?

Todos trazemos ao ombro,
De vícios dois sacos cheios:
— Os nossos, p'ra trás das costas,
Diante do peito, os alheios.
Daí vem que logo vemos,
Dos outros, qualquer defeito.
Os nossos — é mais difícil;
'Stão lá p'ra trás; não dá jeito.

FEDRO

Maravilhas da natureza

Calcula-se em 20.000 o número de ovos que podem provir da desova de uma só sardinha. Por muito grande que este número possa parecer, é ainda pequeno quando comparado com o de outras espécies. Por exemplo: A desova de um único arenque pode dar 33.000 ovos; o linguado 520.000; a cavala 664.000 e o bacalhau 4.500.000!



As desventuras do Zé Escoteiro

O Espectáculo

A patrulha do Zé Escoteiro organizou uma festa, com o fim de conseguir meios para a compra de material de que estava carecida.

No entanto, os rapazes não tomaram na devida consideração as responsabilidades que assumiam com a preparação dessa actividade, no que deram fraca prova do seu espírito escoteiro.

Chegou o dia da festa e as faltas aos ensaios e outras negligências imperdoáveis faziam com que os participantes no espectáculo se sentissem pouco à vontade diante do público. E aconteceu o pior. Em determinada altura, o desencontro entre os participantes na pequena peça teatral foi completo, o que provocou uma atrapalhação geral. O espectáculo desenrolou-se nas mais deploráveis condições.

No fim, o público foi implacável e manifestou o seu desagrado com uma pateada que deixou estarrecidos os imprevidentes actores.

No meio do coro de assobios e da algazarra geral, Zé Escoteiro notou que um determinado espectador, ao contrário de toda a gente, não se cansava de aplaudir com um enorme entusiasmo.

Admirado com tão insólita atitude, Zé Escoteiro chegou-se junto do tal espectador e, muito discretamente, perguntou-lhe:

— O senhor gostou realmente da peça?

— Eu?!! — respondeu o outro, visìvelmente admirado. — É uma tremendíssima pepineira!

— Mas como pode pensar assim se está dando aplausos com tanto entusiasmo? — tornou Zé Escoteiro.

— E mais aplaudiria se já não estivesse tão cansado.

— Desculpe, mas sinceramente não percebo!

— Pois é bem simples — respondeu o homenzinho — Eu estou a aplaudir é aqueles que estão a fazer a pateada!

Shakespeare e Cervantes, grandes expoentes da literatura inglesa e espanhola, morreram no mesmo dia: 23 de Abril de 1616.

— * —

Quando Nero orgulhosamente tripudiava no seu trono, jazia o Apóstolo Paulo na prisão. Passaram anos e séculos. Os homens chamam agora aos seus cães «Nero» e aos seus filhos «Paulo».

— * —

A inveja, que tem olhos míopes para ver o bem, tem pulmões de bronze para publicar o mal.

— * —

Se o amigo não presta e a faca não corta, a perda é pouca.

— * —

Tempo perdido não se torna a achar.

Que tal esse sr. L.A.R.Appius!...

Consta que a palavra larápio, *sinónimo de gatuno, se originou na assinatura dum pretor romano, sem escrúpulos, venal, um verdadeiro ladrão. Esse pretor chamava-se* Lucius Antonius Rufus Appius, *mas costumava assinar* L.A.R.Appius, *pelo que começaram a chamar-lhe* Larappius *a ele, e depois à multidão de discípulos que lhe têm seguido o exemplo.*

ACRÓSTICO

1	x x x x x	1. Babilónia
2	x x x x x	2. Rei dos Persas
3	x x x x x	3. Cidade do Minho
4	x x x x x	4. Cidade do Alentejo
5	x x x x x	5. Capital de Cabo Verde

As letras da coluna central formam o nome de uma ilha de Cabo Verde.

UM PROBLEMA

Dois escoteiros foram enviados pelo seu chefe a realizar o seguinte exercício, partindo ambos do mesmo local:

Caminhar 3 km. para o Sul. Depois, um avançar 3 km. para Ocidente e o outro 3 km. para Oriente. Depois, caminharem novamente 3 km. para o Norte. Se os exercícios forem bem executados, no final encontram-se ambos no mesmo sítio.

Em que local se realizou este exercício?

— * —

Os estimados jovens leitores que acertarem neste problema receberão uma lembrança, desde que nos remetam a solução mesmo num simples postal.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

N.º 239

MARÇO de 1965

As comemorações do XX Aniversário

"Sempre Pronto" organiza em 16 de Maio uma excursão a Alenquer e Santarém *em automóvel e autocarro*

Está definitivamente elaborado o programa da excursão com que «Sempre Pronto» vai encerrar as comemorações do seu XX aniversário.

Dando satisfação a boas sugestões dos nossos estimados amigos, o passeio que vamos levar a efeito seguirá um interessante itinerário através de uma das mais belas e características regiões da nossa terra: — a província do Ribatejo!

Realiza-se esta excursão no dia 16 de Maio p. f., sendo o seu trajecto o seguinte: Partida de Lisboa, às 8 horas, do Cais do Sodré (junto da Sede da A. E. P); Vila Franca de Xira; Alenquer; Santarém; Alpiarça. Regresso a Lisboa por Almeirim, Salvaterra de Magos e Vila Franca de Xira.

O programa compreende:

ALENQUER: — visita ao túmulo do grande humanista Damião de Góis. Evocação da vida e da obra do eminente cronista, por um dos nossos companheiros;

SANTARÉM: — almoço num restaurante a indicar. Visita ao jardim das Portas do Sol, à Torre das Cabaças, à Igreja da Graça e a outros monumentos;

ALPIARÇA: — visita à Casa-Museu dos Patudos.

Esta breve resenha dá uma ideia, embora imperfeita, do interesse e das atracções que o circuito escolhido oferece aos nossos estimados companheiros.

Alenquer é uma vila risonha, das mais antigas de todo o país, cheia de curiosidade e de belos trechos panorâmicos.

Santarém, igualmente antiquíssima, é a cabeça de uma das regiões mais ricas e pitorescas de Portugal. O seu património artístico é de tal valor que a cidade ostenta o título de «Capital do Gótico» de Portugal. O formoso jardim das Portas do Sol, além do romantismo do seu acolhedor ambiente, é um miradouro de onde se avista um dos mais soberbos panoramas de Portugal inteiro, com o Vale do Tejo a perder de vista e as progressivas vilas de Alpiarça e Almeirim na planície fronteira.

> *«Nas suas lezírias ribatejanas, chatas, verdecidas, intérminas, acolá e além mescladas com manchas cinzentas, alazãs ou negras, de rebanhos de carneiros, de manadios de touros bravos, de récuas de cavalos — nas suas lezírias vive o campino, em pleno ar livre e sol, o sol, criador que lhes tisna a face dura, de suíças curtas, as mãos secas, e lhe enrijece a pele decidida».*
>
> Antero de Figueiredo

A Casa dos Patudos, em Alpiarça, é o escrínio de uma maravilhosa colecção de arte, das mais ricas do nosso país, que se deve ao bom gosto do grande benemérito que foi José Relvas. Naquele formosíssimo solar pode admirar-se, num ambiente cheio de intimidade e de calor humano, uma galeria de arte de valor incalculável, impossível de reunir nos tempos presentes, onde as peças expostas denotam o requinte e o carinho de um perito conhecedor de arte.

A enquadrar este clima muito especial de todo o percurso, há a beleza castiça dos campos do Ribatejo, com a sua paisagem natural, repleta de carácter e interesse, de que Vila Franca é um dos centros de maior inspiração.

Como dissemos no último número, deseja-se a comparticipação, em especial, de todos os nossos companheiros que possuam automóvel. Mas como não nos queremos privar da presença de tantos dos nossos amigos que não dispõem desse meio de transporte, será alugado um autocarro para esses companheiros e também para os escoteiros que queiram aproveitar da finalidade cultural desta iniciativa.

AUTOCARRO

Preço de viagem (cada pessoa). . . . . 40$00

Inscrições até 30 de Abril p. f.

Informações pelo telefone 63 66 07, ou na Redacção

Posto de observação

Fruto de uma observação pessoal, tendo em vista uma colaboração leal e desinteressada, «Posto de Observação» pretende ser uma coluna onde a despretensiosa crítica ou o modesto elogio possam criar o diálogo que nos leve a uma análise objectiva de alguns problemas associativos, com o único fim de ajudar a resolvê-los, para prestígio do Movimento.

É bom que se concerte o telhado, mas não se esqueça a solidificação dos alicerces

Pode parecer paradoxal, mas seria para mim grande alegria vir a ser obrigado a dar a mão à palmatória.

Quase me vou convencendo que o último Acampamento Nacional, cuja realização não apoiei, terá sido o desejado reavivar da chama escotista adentro das hostes da A. E. P.

A Chefia Geral não se tem poupado a esforços para erguer essa chama e despertar aqueles que còmodamente se instalaram numa posição de confortável expectativa, aguardando o empurrão que fará deslizar o carro, sem que mesmo seja preciso o seu esforço para lhe puxar pela lança.

Estou convencido que o empurrão virá, e bem bom seria que para alguns fosse tão forte que os deixasse estatelados, sem possibilidades de voltarem a instalarem-se no carro, onde o seu peso inerte é demasiado e prejudicial.

O entusiasmo da Chefia Central, a que sinceramente não estávamos habituados, tem-se traduzido em trabalho palpável.

A realização do Acampamento Nacional e do concurso «Patrulhas Piloto-1964» (com um bem elaborado e muito elucidativo relatório final), a publicação do regulamento de provas de classe e a continuidade de reuniões gerais com os chefes de grupo, onde se nota a assiduidade e interesse do Chefe Geral e do seu Adjunto, são provas irrefutáveis desse entusiasmo, que muito de útil trará para a nossa Associação.

Todavia, não devem esquecer os chefes dos grupos que é de si que depende, principalmente, o bom êxito de todo o trabalho que se pretenda realizar.

Não lhes deve ser suficiente estar presente aos conselhos de chefes, ocos de ideias concretas, dando aèreamente a sua opinião aos seus planos esquematizados, que intimamente sabem não ir cumprir, por incapacidade ou falta de aplicação.

E' aos chefes que se exige o trabalho mais árduo, mas o que mais frutos escotistas dará.

Somos um movimento que nasceu com firme orientação, mas sem dirigentes. Estes foram surgindo à medida que se tornava necessário disciplinar o entusiasmo e o incontrolável prazer que os jovens sentiram em praticar o Escotismo. Se não houver rapazes, se não houver Escotismo, para nada servirão os dirigentes, por muito bem formados que estejam.

É indispensável, portanto, que cada Chefe se preocupe com o seu Grupo, dê actividade escoteira aos seus rapazes, multiplique o número das suas patrulhas, escute a opinião dos seus Guias e siga, então, com uma bagagem objectiva, para os Conselhos de Chefes a propor, discutir e rectificar ideias de actividades conjuntas que assim, e só assim, resultarão em prestígio do Movimento Escotista no nosso País e benefício de uma juventude bem carecida de bons exemplos na formação dos homens que amanhã serão o orgulho da nossa Pátria.

Mariano Garcia